

## Entre a Criação e o Abismo: Frankenstein e os Limites do Humano

### Between Creation and The Abyss: Frankenstein and The Limits of The Human

Maria Vitória Azevedo da Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Adriana Carvalho Capuchinho<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura crítica de *Frankenstein ou O Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, a partir das tensões em torno dos limites do humano em contextos de crise. A análise enfoca a figura do ser criado por Victor Frankenstein, com a junção de partes de diferentes cadáveres, como símbolo da criação moderna inconsequente e dissociada da responsabilidade ética, articulando a narrativa com perspectivas da ecocrítica e dos estudos decoloniais. Em diálogo com reflexões de Bruno Latour (2012) e Cormac McCarthy (2025), o artigo interpreta a criatura como metáfora dos efeitos catastróficos do desenvolvimento científico e tecnológico, do capitalismo, bem como dos processos históricos de desumanização de sujeitos marginalizados nas Américas. Argumenta-se que o romance antecipa debates contemporâneos do Antropoceno, ao problematizar as fronteiras entre humano e não humano e ao convocar a construção de uma ética baseada no reconhecimento da diferença e na responsabilidade coletiva com o planeta.

**Palavras-chave:** Frankenstein, antropoceno, crise do humano, decolonialidade, exclusão.

**Abstract:** This article proposes a critical reading of *Frankenstein or The Modern Prometheus*, by Mary Shelley, based on the tensions surrounding the limits of the human in crisis contexts. The analysis focuses on the figure of the being created by Victor Frankenstein, with the joining of parts from different corpses, as a symbol of reckless modern creation dissociated from ethical responsibility, articulating the narrative with perspectives from ecocriticism and decolonial studies. In dialogue with reflections by Bruno Latour (2012) and Cormac McCarthy (2025), the article interprets the creature as a metaphor for the catastrophic effects of the development of scientific and technological progress, and of capitalism, as well as the historical processes of dehumanization of marginalized subjects in the Americas. It is argued that the novel anticipates contemporary debates of the Anthropocene, by problematizing the boundaries between human and non-human and by calling for the construction of an ethics based on the recognition of difference and collective responsibility towards the planet.

**Keywords:** Frankenstein, Anthropocene, Crisis of the human, Decoloniality, Exclusion.

**Submetido em 03 de setembro de 2025.**

**Aprovado 14 de novembro de 2025.**

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos literários (UFT) Professora do Colégio Adventista de Palmas. Graduada em Letras – Língua Inglesa (UFT), 2023. Email: maria\_silva021@outlook.com.br. Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2509881654953634>. Orcid Id: <https://orcid.org/0009-0001-8350-3863>

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos e literários em Língua Inglesa (USP). Professora adjunta do curso de Letras-Língua Inglesa e do Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: driowlet@uft.edu.br; Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4424399125926215>; Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-4034-306X>.

## **Introdução**

Publicado em 1818, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, ocupa um lugar central na literatura moderna por articular, de forma pioneira, questões relacionadas à ciência, à ética e aos limites da ação humana. Mais do que um romance gótico ou de ficção científica, a obra problematiza as consequências sociais e morais do progresso científico quando dissociado da responsabilidade, antecipando debates que permanecem centrais na contemporaneidade (Mellor, 1988; Hogle, 2002).

A narrativa acompanha Victor Frankenstein, um jovem cientista que, movido pela ambição de ultrapassar as fronteiras do conhecimento humano, cria artificialmente uma criatura a partir de fragmentos de cadáveres. Contudo, ao conferir vida ao ser criado, Victor o abandona, recusando-se a assumir qualquer vínculo ético com sua criação. Para Bruno Latour (2012), esse gesto simboliza a lógica moderna de produção sem responsabilização, na qual os agentes se eximem das consequências de seus atos. Nesse sentido, Frankenstein encarna o cientista que “faz existir” algo novo, mas se nega a responder politicamente por seus efeitos.

A criatura, rejeitada tanto pelo criador quanto pela sociedade, emerge como uma figura liminar, situada entre o humano e o não humano, o natural e o artificial, a natureza e a cultura. Longe de possuir uma monstruosidade intrínseca, ela se torna violenta a partir da exclusão e do abandono, o que desloca o horror do corpo disforme para as estruturas sociais que produzem a desumanização. Como observa Hogle (2002), o gótico frequentemente utiliza o monstro para revelar os medos, contradições e falhas éticas da própria sociedade que o cria.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar como *Frankenstein* contribui para os debates contemporâneos sobre os limites do humano, os imaginários do fim e a necessidade de uma ética da responsabilidade. Ao reler a obra de Mary Shelley a partir dessas chaves interpretativas, busca-se demonstrar que o romance não apenas denuncia os excessos da modernidade científica e capitalista, mas também convoca a repensar formas de coexistência baseadas no reconhecimento da diferença e no cuidado com o todo.

## **2. Metodologia**

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise crítica do romance *Frankenstein ou o Prometeu*

*Moderno*, de Mary Shelley<sup>3</sup>. Procuramos articular a leitura textual atenta da obra com referenciais teóricos contemporâneos da ecocrítica, dos estudos decoloniais e das reflexões sobre o Antropoceno.

A análise do *corpus* literário baseia-se na leitura crítica de trechos selecionados do romance, privilegiando passagens que evidenciam a relação entre criação científica, abandono, responsabilidade ética e construção da monstruosidade. Esses excertos são examinados à luz de categorias analíticas como corpo-monstro, liminaridade, desumanização, responsabilidade e alteridade, compreendidas como construções históricas e discursivas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo articula diferentes campos críticos. A ecocrítica oferece ferramentas para compreender a relação entre ciência, natureza e exploração, permitindo situar *Frankenstein* como um texto precursor das discussões sobre o Antropoceno. Nesse eixo, mobilizam-se as reflexões de Bruno Latour (2012), especialmente no que diz respeito à crítica à separação moderna entre ação e consequência e à noção de responsabilidade nas redes que envolvem humanos e não humanos. Essa perspectiva possibilita ler o gesto de criação de Victor Frankenstein como uma prática inserida em uma lógica de negação dos efeitos produzidos.

Paralelamente, o estudo dialoga com a crítica literária do gótico, recorrendo a autores como Mellor (1988) e Hogle (2002), que contribuem para a compreensão da monstruosidade como construção simbólica e social. Esses referenciais permitem analisar a criatura não como portadora de uma essência monstruosa, mas como resultado de processos de exclusão, rejeição e desumanização, deslocando o foco do horror do corpo disforme para as estruturas sociais e discursivas que o produzem.

A perspectiva decolonial orienta a leitura do corpo da criatura como metáfora dos sujeitos historicamente marginalizados nas Américas, permitindo aproximar a narrativa de Shelley de processos de racialização, exclusão e desumanização produzidos pelo projeto moderno-colonial. Essa articulação metodológica possibilita compreender o romance não apenas em seu contexto histórico de produção, mas também em diálogo com problemáticas contemporâneas de ordem ética, social e ambiental.

Nossa abordagem caracteriza-se também por seu caráter interdisciplinar, ao

---

<sup>3</sup> Enfocamos aqui a análise da versão original de 1818 publicada anonimamente. Em 1831, Mary Shelley publicou uma versão com sua autoria e com algumas alterações que não alteraram o teor da obra. Por exemplo, o Capítulo 1 foi expandido e dividido em 2 e há alterações na linguagem em partes ao longo do livro. Além disso, Elizabeth Lavenza deixa de ser prima de Victor para ser uma órfã criada pelo casal Frankenstein e há referência mais clara à eletricidade e ao galvanismo que era pesquisado como possibilidade de animar músculos de animais mortos, além dos elementos existentes em 1818 sobre os estudos de Victor Frankenstein sobre alquimia para reviver corpos em seres virtuosos. (KLINGER, 2017).

articular literatura, filosofia, ecologia política e estudos sociais. Partimos do entendimento de que as crises abordadas no romance de Shelley, sejam científicas, éticas ou sociais não podem ser analisadas de maneira restrita a um único campo do saber. Assim, o diálogo entre diferentes áreas permite ampliar o alcance interpretativo da obra e evidenciar sua atualidade.

Por fim, o percurso metodológico não busca oferecer uma interpretação fechada ou definitiva de *Frankenstein*, mas construir uma leitura crítica situada, capaz de evidenciar como o romance contribui para os debates contemporâneos sobre os limites do humano, os imaginários do fim e a necessidade de uma ética da responsabilidade. Ao integrar análise textual e reflexão teórica, a metodologia visa demonstrar que a literatura, enquanto forma de conhecimento, possui papel central na problematização das crises do presente e na construção de novas possibilidades de pensamento e coexistência.

### **3. Frankenstein e a irresponsabilidade da criação**

Victor Frankenstein encarna de modo exemplar o ideal moderno de progresso ilimitado, fundado na crença de que o conhecimento científico, quando dissociado de limites éticos, legitima qualquer forma de intervenção sobre a vida. Movido pela ambição de ultrapassar as fronteiras do humano e de dominar os segredos da natureza, Victor produz vida artificialmente, mas falha em reconhecer a criatura como sujeito. Seu gesto inaugural não é apenas o da criação, mas o do abandono: ao dar vida ao ser que constrói, ele se recusa a estabelecer qualquer vínculo de cuidado ou responsabilidade. Quando a criatura abre os olhos, a reação de Victor não é de assombro científico ou de responsabilidade moral, mas de repulsa e fuga, como é narrado no Capítulo V: “Mal acabara de contemplá-lo quando a beleza do sonho desapareceu, e um horror e repugnância sem limites encheram meu coração. Incapaz de suportar o aspecto do ser que criara, precipitei-me para fora do quarto” (Shelly, 2017, p. 66). Tal abandono não se configura apenas como um recurso narrativo, mas como uma alegoria da racionalidade moderna iluminista que racionaliza, cria, explora e descarta. Nesse instante, a narrativa desloca o eixo da monstruosidade: não é o corpo da criatura que inaugura o horror, mas a incapacidade de Victor de sustentar eticamente sua própria criação. O abandono não é consequência secundária do medo, mas o primeiro ato efetivo de violência, pois transforma o recém-nascido, literalmente lançado ao mundo em ser sem origem reconhecida e sem lugar de pertencimento. A monstruosidade, portanto, não nasce do experimento científico, mas da ruptura do vínculo.

Nesse sentido, Bruno Latour (2012) observa que *Frankenstein* dramatiza a figura

do cientista moderno que se exime das consequências de seus próprios atos. Para o autor, Victor representa aquele que “faz existir” algo novo no mundo, mas se recusa a responder politicamente por essa existência. Essa ruptura entre ação e consequência é característica central do pensamento moderno, no qual a técnica é separada da ética e a produção de efeitos é dissociada da responsabilidade sobre eles. Ao não assumir o monstro, Victor encarna aquilo que Latour identifica como uma política da negação, isto é, a recusa em reconhecer os vínculos entre humanos, não humanos e os efeitos de suas interações.

A irresponsabilidade da criação manifesta-se, portanto, não apenas no ato científico em si, mas na incapacidade de reconhecer a criatura como parte de uma rede de relações. Victor vê o resultado de seu experimento como um erro a ser apagado, um experimento falho, e não como uma existência que demanda cuidado. Tal postura evidencia o caráter instrumental da ciência moderna, na qual a vida é reduzida a objeto de manipulação e descarte. Como aponta Mellor (1988), o romance de Shelley critica explicitamente a arrogância científica masculina que busca dominar a natureza sem considerar suas implicações morais e afetivas.

A criatura, por sua vez, não nasce socialmente monstruosa. Sua trajetória é marcada por tentativas frustradas de inserção social, aprendizado e reconhecimento. Ao longo do romance, ela demonstra sensibilidade, capacidade de linguagem e desejo de pertencimento, elementos tradicionalmente associados à humanidade. No entanto, é sistematicamente rejeitada em razão de sua aparência física. Como observa Hogle (2002), no gótico, o monstro frequentemente funciona como espelho das ansiedades sociais, revelando que a verdadeira monstruosidade reside menos no corpo disforme do que nas estruturas que produzem exclusão e violência.

A violência praticada pela criatura, portanto, não decorre de uma essência maligna, mas de um processo contínuo de negação e abandono. Cada recusa reforça sua condição de marginalidade, empurrando-a progressivamente para a vingança e a destruição. Shelley desloca, assim, o foco do horror: não é o corpo artificial que causa espanto, mas a sociedade que se mostra incapaz de acolher aquilo que escapa às normas do humano aceitável. Nesse ponto, o romance antecipa discussões contemporâneas sobre discriminação, desumanização, exclusão e responsabilidade ética diante do outro.

Dessa forma, o romance revela que o verdadeiro fracasso de Victor não está em criar vida, mas em negar-se a responder por ela. Ao abdicar do cuidado, ele inaugura uma cadeia de violências que atravessa toda a narrativa. O romance, assim, propõe uma crítica contundente à lógica moderna de produção sem responsabilidade, evidenciando que toda criação implica vínculos éticos inescapáveis. Em tempos de crise ecológica e social, essa

reflexão torna-se ainda mais urgente, ao evidenciar que os “monstros” que enfrentamos são, em grande medida, resultado direto de nossas próprias escolhas e omissões.

Em diálogo com os dilemas contemporâneos, essa reflexão adquire especial relevância. Em um mundo marcado por crises ambientais, sociais e tecnológicas, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* nos alerta para os perigos de uma lógica de produção que se recusa a assumir seus efeitos. Os “monstros” que emergem — sejam eles ambientais, sociais ou políticos — não são anomalias externas, mas consequências diretas de uma racionalidade que insiste em criar sem planejar o futuro e cuidar. Shelley, desse modo, antecipa uma crítica profunda à modernidade e convoca a repensar os fundamentos éticos da ação humana.

#### 4. Imaginários do fim e possibilidades éticas

*Frankenstein* é frequentemente interpretado como um romance marcado pelo medo do futuro e pelas consequências catastróficas do avanço científico. De fato, a narrativa constrói um imaginário de destruição progressiva, no qual a criação de Victor Frankenstein resulta em morte, sofrimento e isolamento. No entanto, reduzir a obra a uma antecipação apocalíptica significa ignorar uma de suas dimensões mais complexas: a reflexão ética que emerge precisamente a partir da experiência do fracasso. Mais do que anunciar um fim inevitável, o romance propõe uma interrogação profunda sobre as condições de possibilidade de uma convivência ética em um mundo ferido pelas ações humanas.

A criatura, ao longo da narrativa, manifesta reiteradamente o desejo de pertencimento, afeto e reconhecimento. Sua demanda por uma companheira não expressa vontade de dominação ou reprodução de violência, mas a necessidade de relação e de compartilhamento da existência. Esse pedido evidencia que o monstro não busca destruir o mundo, mas integrar-se a ele. Como observa Mellor (1988), Shelley constrói a criatura como um ser essencialmente relacional, cuja tragédia reside na impossibilidade de estabelecer vínculos duradouros. O horror, portanto, não nasce do desejo da criatura, mas da recusa sistemática do outro em reconhecê-la como semelhante.

No contexto dos imaginários do fim, essa dimensão relacional assume papel central. As narrativas contemporâneas do Antropoceno frequentemente oscilam entre dois extremos: o colapso inevitável ou a salvação tecnológica. O romance desloca esse eixo ao sugerir que a crise não é apenas material ou técnica, mas fundamentalmente ética. Mary Shelley antecipa a ideia de que não há solução possível para o fim do mundo sem uma revisão radical das formas de relação entre humanos, não humanos e o ambiente.

O fim, nesse sentido, não é apenas um evento futuro, mas um processo que se instaura quando a alteridade é negada e o cuidado é abandonado. Essa leitura dialoga diretamente com as reflexões de Bruno Latour (2012), para quem o Antropoceno exige uma redefinição das responsabilidades humanas diante das redes de interdependência que sustentam a vida. A recusa de Victor em assumir a criatura como parte de seu mundo reflete a mesma lógica moderna que separa ação e consequência, criação e responsabilidade. Ao negar o vínculo com o que criou, Victor produz um futuro marcado pela destruição, um fim que poderia ter sido evitado por meio do cuidado e do reconhecimento.

Nesse sentido, *Frankenstein* propõe uma ética baseada no cuidado, na escuta e na atenção às consequências dos atos humanos. O fracasso de Victor Frankenstein não está no ato de criar vida, mas em sua recusa em cuidar dela, em assumir a vulnerabilidade do outro e em reconhecer sua própria implicação no sofrimento que se segue. Shelley antecipa, assim, uma crítica profunda às lógicas modernas de produção, exploração e abandono, apontando que os imaginários do fim podem também conter germes de reconstrução.

Ao articular destruição e possibilidade ética, o romance convida a repensar o futuro não como destino fechado, mas como campo de escolhas. Em tempos de crise planetária, *Frankenstein* permanece atual ao lembrar que o fim do mundo, tal como o conhecemos, pode ser tanto resultado da negação da alteridade quanto oportunidade para a construção de novas formas de coexistência. O imaginário do fim, nesse contexto, não encerra a ética, mas a convoca.

### **Considerações Finais**

Ao reler *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* à luz da ecocrítica e das perspectivas decoloniais, este artigo buscou evidenciar que o romance de Mary Shelley permanece um texto fundamental para a compreensão dos limites do humano em contextos de crise. Longe de se restringir a uma crítica pontual à ciência ou ao progresso tecnológico, a obra revela-se um poderoso dispositivo de reflexão sobre as bases éticas da modernidade, expondo as consequências de um projeto civilizatório que privilegia a criação, a exploração e o domínio em detrimento do planejamento do futuro, do cuidado com todo o planeta, da responsabilidade e da convivência.

A figura do corpo-monstro mostrou-se central para essa leitura. Ao longo do artigo, argumentou-se que a criatura não deve ser compreendida como exceção ou desvio, mas como síntese das contradições da modernidade científica, capitalista e colonial.

Costurado a partir de fragmentos e privado de pertencimento, o corpo-monstro materializa a lógica que produz sujeitos descartáveis, vidas consideradas menos dignas de reconhecimento e formas de existência relegadas à margem. Nesse sentido, a monstrosidade não reside no corpo criado, mas no sistema de valores que define quem pode ou não ser reconhecido como plenamente humano.

A análise também demonstrou que *Frankenstein* desloca o eixo tradicional do horror. O medo não emerge prioritariamente da transgressão dos limites naturais, mas da recusa em assumir responsabilidade pelo que se cria. A irresponsabilidade ao dar a fagulha da vida e o abandono da criatura por Victor Frankenstein funciona como alegoria de uma racionalidade que dissocia ação e consequência, produção e compromisso ético. Essa lógica, que atravessa a ciência moderna, o capitalismo e o colonialismo, continua operando nos modos contemporâneos de exploração da natureza e de desumanização de populações historicamente marginalizadas.

Ao articular o romance com os debates sobre o Antropoceno, o artigo procurou reforçar que a crise ambiental não pode ser compreendida de forma isolada ou meramente técnica. A destruição dos ecossistemas, o colapso climático e a intensificação das desigualdades sociais são efeitos de uma mesma matriz de pensamento que separa humano e não humano, cultura e natureza, sujeito e objeto. Shelley antecipa essa crítica ao revelar que a negação da interdependência e do cuidado produz um futuro marcado pela violência e pela catástrofe. O romance oferece uma reflexão ética particularmente relevante para os imaginários do fim. Embora a narrativa seja atravessada por perdas irreparáveis e fracassos sucessivos, ela não elimina completamente a possibilidade de outra forma de relação com o mundo. O desejo da criatura por afeto, reconhecimento e convivência aponta para uma ética relacional, fundada no cuidado e na responsabilidade mútua. O fracasso de Victor Frankenstein não está no ato de criar vida, mas na recusa em sustentar vínculos com aquilo que cria, em reconhecer a vulnerabilidade do outro e em assumir sua própria implicação nas consequências de seus atos.

Dessa forma, o romance sugere que o fim não é apenas um evento futuro, mas um processo que se instaura sempre que a alteridade é negada e o cuidado é abandonado. Ao mesmo tempo, aponta que os imaginários do fim podem conter possibilidades de reconstrução ética, desde que haja disposição para repensar os fundamentos das relações humanas com o outro, com a natureza e com as formas de vida historicamente excluídas. À luz de *Frankenstein*, essa realidade contemporânea adquire contornos ainda mais significativos. O romance de Mary Shelley sugere que o verdadeiro colapso ocorre quando vínculos são rompidos e responsabilidades são recusadas. O abandono da criatura

funciona como alegoria daquilo que ocorre sempre que vidas humanas ou não humanas são tratadas como descartáveis. Essa reflexão torna-se ainda mais contundente quando colocada em diálogo direto com o presente. Vivemos uma era marcada por avanços acelerados na engenharia genética com a manipulação de organismos humanos, animais e vegetais seja por seleção genética ou mesmo por clonagem. A promessa de controle da vida agora mediada por biotecnologias sofisticadas e por inteligências artificiais generativas reatualiza a pergunta central do romance: o que significa criar sem assumir responsabilidade pelas consequências? A questão que atravessa a trajetória de Victor Frankenstein ressoa nas discussões atuais sobre edição genética, reprodução manipulada, bancos de dados biológicos e sistemas algorítmicos que aprendem, decidem e produzem conteúdos de forma autônoma. Observamos, também, que a atualidade de *Frankenstein* também se manifesta nas persistentes práticas de discriminação, exclusão e guerra.

A criatura é rejeitada por sua aparência, tratada como ameaça antes mesmo de qualquer ato violento. Essa dinâmica ecoa nas estruturas contemporâneas de racismo, xenofobia, colonialidade e desumanização, nas quais determinados corpos continuam sendo marcados como perigosos, descartáveis ou indignos de reconhecimento. O abandono que estrutura o romance reaparece hoje na marginalização de populações inteiras, nos deslocamentos forçados, nas guerras e na produção sistemática de vidas precárias. À luz do romance de Mary Shelley, torna-se possível compreender que o colapso não é apenas material, mas moral. O abandono da criatura simboliza o gesto fundador de uma modernidade que cria e descarta, que produz e exclui. A pergunta que permanece aberta tanto no século XIX quanto no XXI é se continuaremos a repetir o gesto de Victor Frankenstein ou se seremos capazes de construir uma ética capaz de sustentar as múltiplas formas de vida que emergem de nossas ações.

Desse modo, *Frankenstein* não apenas dialoga com os nossos tempos: ele os interpela. O romance sugere que toda criação implica responsabilidade e que o verdadeiro horror não está na inovação em si, mas na recusa do cuidado. Em um mundo atravessado por biotecnologias, inteligências artificiais, guerras e mudanças climáticas, a obra permanece um alerta e, ao mesmo tempo, uma convocação ética.

Por fim, este artigo defende que a atualidade de *Frankenstein* reside precisamente em sua capacidade de tensionar os limites do humano e de expor as implicações éticas da criação sem responsabilidade. Em um mundo atravessado por crises ambientais, sociais e políticas, a obra de Mary Shelley continua a interpelar o presente, convidando à construção de uma ética baseada no reconhecimento da diferença, na responsabilidade

compartilhada e no cuidado com o todo. Recolocar essas questões no centro do debate literário e crítico não significa apenas revisitar um clássico, mas utilizá-lo como ferramenta para imaginar outras formas de existência e de convivência possíveis no presente e no porvir.

### **Referências Bibliográficas**

HOGLE, Jerrold E. **The Cambridge companion to gothic fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KLINGER, Leslie S.. Foreword In: SHELLEY, Mary. **The new annotated Frankenstein**. London: W. W. Norton, 2017. edição digital epub.

LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Edusc, 2012.

MELLOR, Anne K. **Mary Shelley: her life, her fiction, her monsters**. New York: Routledge, 1988.

MCCARTHY, Cormac. **The collapse of modern imaginaries**. New York: Vintage, 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Estado, sociedade: lutas (de)coloniais de nossa época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.